

## VINTE

Já em casa, Xavier pega o livro de Otávio, junto com uma garrafa, e começa a ler. É a história de vida de Otávio Oliveira de Carvalho, além de suas elucubrações, viagens, anotações esparsas, pequenos poemas em verso livre.

Em um pedaço, fala sobre um escritor de uma única história. Um sujeito que durante a vida inteira reescreveu o mesmo tema, apenas modificando detalhes na estrutura original. Entretanto, a partir da primeira mudança, as conclusões também se transformam. E, com a quantidade de variações, os textos se tornam totalmente diferentes um do outro.

A partir das alterações, ele cria novas situações para fazer com que a trama tenha sentido. Assim, apesar de repetir sempre o mesmo tema, ou nem isso, cada uma das historietas é diferente. Desde o primeiro texto que foi escrito, ele já deixou pré-estabelecido algumas bifurcações no caminho. Com o passar do tempo, ele vai entrando em outras portas.

Um “não” se transforma em “sim”, e todo o desenrolar do texto se modifica. Ou personagens com personalidades bem marcadas trocam drasticamente de comportamento. Um sujeito muito violento e ateu se torna um pacifista religioso. Um misógino conquistador vira um gay enrustido.

O texto brinca com o tema dos extremos, demonstrando como, de vez em quando, pessoas que são opostas, no fundo, se parecem muito. Mesmo que externamente, ou para os outros, eles sejam a definição de antônimo, ao tomarem atitudes em determinadas encruzilhadas vitais, os sujeitos são os mesmos, com as mesmas motivações e os mesmos desejos.

Assim, com o mesmo texto, ele consegue abordar diversos assuntos, além de criar várias historietas dentro de uma mesma história. O que seria, em outras mãos, uma repetição de temas, na dele, se torna apenas a estrutura para os temas que gostaria de abordar.

Abre mais uma cerveja.

Em outro pedaço, há uma série de poemas.

### **Diálogos internos 25/05**

Se você não quiser entender,  
Tudo bem.  
Mas não me venha com perguntas  
Que você deveria saber as respostas  
E não me interrompa  
Mesmo quando eu estiver  
Fazendo nada.  
Deixe-me quieto.  
Não me amole com pequenezas  
Ou comentários sem necessidade

Quando menos os quero.  
Dê-me alguns instantes de solidão para me alimentar  
Saia daqui  
Volte outra hora  
Vá ver se eu estou ali, na esquina  
E depois,  
Quem sabe,  
Terei tempo  
E paciência  
Para você

O detetive relê o poema algumas vezes, tentando achar um significado oculto. Acha curioso o título remeter a um monólogo, a um pensamento e o texto em si parecer um recado, uma exclamação contra alguém. Devia ser uma época conturbada. Estava pensando sobre assuntos que não gostaria de pensar. O poema trata o pensamento próprio como uma mulher chata.

Abre outra cerveja.

“Questões – 10/03”. Abre o seu caderninho e procura. Lá no fundo da cabeça, lembra de algo relacionado com essa informação. Busca nas suas anotações um número, uma data, um marco importante. Até que encontra: o pai de Otávio morreu no dia 3 de março.

Qual o limite  
Entre a praticidade extrema  
E a dura frieza?  
Será que devemos chorar nossos mortos  
Ou aceitar o inevitável?  
Até quando o inconformismo é sinal de imaturidade?  
Só a juventude pode oxigenar o sangue?  
Qual a definição exata  
Ou aproximada  
Para jovem?  
Desistência é sinal  
De impotência ou  
Incapacidade ou  
De covardia?  
Quando não se vislumbra  
Nada à frente  
Não se é no presente  
E o passado não prometeu nada,  
Há desconto?  
Até a ironia perde força  
Quando os músculos  
Descolam-se do corpo.

É inevitável associar o estado de ânimo de Otávio com a morte do seu pai. Parece que ele se sentira frio, distante, sem sentimentos em relação aos acontecidos. E se culpou por isso. Acontece isso sempre. Muitas vezes os mais próximos não se dão conta do

ocorrido até semanas depois do fato em si. São pegos tão de surpresa que não processam a informação. Algumas pessoas só sentem a perda aos poucos.

Pega mais uma.

O detetive abre o caderninho na página que está a anotação da data da morte do pai de Otávio e lê mentalmente a explicação: *Olavo, Otávio e Maria Teresa voltavam da casa de praia após um fim de semana em que pai e filho tinham brigado muito. Era já alta madrugada e chovia muito. O motivo da briga era banal: o filho queria sair com os amigos, mas o pai não permitiu. Mesmo assim, o garoto saiu de casa escondido e, quando voltou, houve nova briga. O pai, que havia bebido uísque durante a espera, decidiu ir embora no mesmo instante em que o garoto chegou. Juntaram as malas e partiram.*

*Segundo a perícia, Olavo andava em alta velocidade. Segundo os relatos de Otávio e Maria Teresa, não houve discussão, mas ninguém conseguia dormir. Em uma curva perigosa, um motorista de caminhão perdeu o controle e acertou em cheio o carro da família. O carro ficou completamente destruído. O motorista do caminhão, cuja lateral se destruiu, ficou completamente desesperado, de acordo com o que contaram à época. Olavo ficou preso nas ferragens. Otávio, sem cinto, foi cuspidado pela janela e caiu no asfalto, bem machucado, mas consciente. Maria Teresa apagou com o impacto.*

*Testemunhas disseram que Olavo ficou sem poder se mexer, desesperado, sofrendo com pedaços de metal retorcido enfiados dentro do próprio corpo. Seu sangue ficou derramado pela pista. Gritava, pedia ajuda, socorro, mas ninguém se aproximava. Ninguém sabia o que fazer. Os médicos demoraram a chegar e ele foi perdendo as forças, diminuindo o ritmo, abaixando a voz, até que desistiu. Esperou a morte num silêncio impenetrável. Em pouco tempo, morreu por hemorragia. Quietamente, calmo, tranquilo. O carro não explodiu. Os médicos chegaram alguns minutos depois.*

*Otávio assistiu a tudo sem falar.*